

AS GRAVURAS RUPESTRES DO ALTO PANTANAL DE MATO GROSSO DO SUL

THE ROCK ART CARVINGS IN HIGH PANTANAL OF MATO GROSSO DO SUL (BRAZIL)

Rodrigo Luiz Simas de Aguiar¹;
João Carlos de Souza²;
Luciana Ribeiro³;
Divaldo Sampaio⁴;
Keny Marques Lima⁵.

RESUMO: Em dezembro de 2013 uma equipe de arqueólogos ligados à Universidade Federal da Grande Dourados empreendeu uma expedição científica com o objetivo de inventariar a arte rupestre das áreas mais remotas em torno do Rio Paraguai. Foram três os sítios registrados: um em Baía Vermelha e dois em Lagoa Gaíva, todos em território do município de Corumbá. Esta expedição integra um projeto maior de inventário de toda a arte rupestre do estado de Mato Grosso do Sul, que conta com o desembolso financeiro da Eletrosul Centrais Elétricas e com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Os dados coletados pela expedição ao Alto Pantanal de Mato Grosso do Sul estão expostos neste artigo.

Palavras-chave: arqueologia, arte rupestre, Pantanal.

ABSTRACT: In December 2013 a team of archaeologists from the Universidade Federal da Grande Dourados made one scientific expedition with the aim to make a rock art record in lonely places along Paraguay River. The expedition registered three rock art sites: one in Baía Vermelha (Red Bay) and the other two in Lagoa Gaíva (Gaíva Lagoon), all placed in Corumbá city territory. This is part of a biggest project of rock art sites inventory in Mato Grosso do Sul State, Brazil, funding by Eletrosul Centrais Elétricas and with institutional support of the Brazilian Historical and Artistic Heritage Institute (IPHAN). All information collected by the mentioned expedition is described on this article.

Keywords: Archaeology, Rock Art, Pantanal.

¹ Docente da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados e Coordenador do Laboratório de Arqueologia.

² Docente do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados.

³ Arqueóloga da Eletrosul Centrais Elétricas.

⁴ Arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

⁵ Mestre em Antropologia pela Universidade Federal da Grande Dourados.

Introdução

Datada de 1975, a tese de livre docência de José Afonso de Moraes Bueno Passos, intitulada “Alguns petróglifos em Mato Grosso com apêndice sobre outros do Paraguai e Bolívia”, foi o primeiro estudo que retratou com preocupação científica as gravuras rupestres do entorno da cidade de Corumbá. Contudo, as primeiras pesquisas sistemáticas voltadas à arqueologia pré-histórica do Pantanal de Mato Grosso do Sul remontam ao PAMS – Programa Arqueológico de Mato Grosso do Sul – coordenado pelo arqueólogo Pedro Ignácio Schmitz, do Instituto Anchieta de Pesquisas. As pesquisas relacionadas ao PAMS na região pantaneira levou o nome de Projeto Corumbá e se desenvolveu entre os anos de 1990 e 2001. Com mais de uma década de duração, o projeto registrou densamente valiosas informações sobre a pré-história pantaneira.

Além dos inúmeros dados acerca do povoamento da região pantaneira, foi no PAMS que se deu o estudo de sítios de arte rupestre em contexto de Pantanal. Os resultados foram publicados na dissertação de mestrado de Maribel Girelli, intitulada “Lajedos com Gravuras na Região de Corumbá, MS”. A pesquisa permitiu conhecer em detalhes um estilo bem particular de arte rupestre, formada por gravuras geométricas onde predominam figuras circulares. Trata-se de um sistema de representação diferente daqueles que integram as tradições de arte rupestre conhecidas na arqueologia brasileira. Apesar da dominância dos motivos geométricos, os atributos estilísticos da arte rupestre pantaneira não guardam semelhanças com os grafismos classificados dentro da Tradição Geométrica Meridional. Cabe ressaltar que as tradições arqueológicas de arte rupestre aqui são empregadas meramente como chaves classificatórias por afinidade estilística, estando os autores cientes de toda a crítica relacionada ao uso do termo tradição como indicativo de filiação étnica.

Figura 01: Petroglifo do sítio Fazenda Moutinho, situado em Ladário, MS.



Conforme já descrevia Girelli (1994), os sítios das áreas adjacentes aos núcleos urbanos de Corumbá e Ladário se caracterizam por grafismos executados em grandes lajedos, ou seja, figuras dispostas no plano horizontal onde estão enfatizados círculos e sulcos curvos. Nesta região estudada pela equipe do IAP não aparecem figuras gravadas na posição vertical. Os sítios inventariados pela expedição da UFGD se diferem daqueles descritos por Girelli tendo em vista que há ocorrência de grafismos no plano vertical, sendo predominantes na escolha dos autores os blocos pequenos ou soltos como suporte aos motivos rupestres.

Figura 02: Gravuras em laje do sítio Fazenda Figueirinha, Corumbá, MS.



Em se tratando de ocupação humana, segundo Schmitz (*et al*, 2009) o registro mais antigo data de 8 mil anos, contudo, trata-se de um único sítio datado deste período. Após um intervalo de quase quatro mil anos veio ocorrer o adensamento das ocupações pré-cerâmicas, período que se inicia a partir de 4.400 A.P. (SCHMITZ *et al*, 2001). No que diz respeito a populações ceramistas, por volta de 2.160 A.P. registra-se a presença de populações ligadas à Tradição Pantanal (ROGGE, 2000).

Análises zooarqueológicas, como as feitas por André Osório Rosa (2000), indicam que a exploração dos recursos naturais pelas populações pré-históricas na região das Grandes Lagoas se deu principalmente nos ambientes aquáticos. Ou seja, confirmam o modelo esperado para povos assentados no contexto ambiental em tela. O fluxo das águas, que

acarretam transformações na paisagem e alteram a dispersão de recursos alimentares, impõem aos grupos humanos adaptações sazonais. Tais adaptações podem guardar relações com as gravuras rupestres aqui analisadas, conforme será discutido mais adiante.

O acesso aos sítios e o registro dos grafismos

O acesso aos lugares mais remotos do pantanal é extremamente dificultoso e requer muita preparação, bem como uma logística adequada. Trata-se de montar uma estrutura de expedição, o que acarreta elevado custo operacional. Dessa forma, muitos sítios arqueológicos de grande relevância deixam de ser estudados de maneira adequada.

Para poder acessar os sítios de arte rupestre do Alto Pantanal de Mato Grosso do Sul, foi necessário locar uma embarcação de grande porte, contendo dormitórios e salão de refeições. Isso porque na região de Lagoa Gaíva não há hotéis, pousadas ou restaurantes. O barco e o que se leva de víveres é tudo com que a equipe pode contar. Tampouco há redes de energia elétrica ou telefonia móvel, sendo o rádio do barco a única forma de contato disponível em caso de acidentes.

A expedição tratada neste artigo se deu no mês de dezembro, época da Piracema, quando a pesca é proibida, coincidindo com o período máximo da seca. Neste momento, lagoas e rios secundários estão com o nível de água extremamente baixo, impedindo em muitos casos o fluxo de embarcações. Outro problema que se tem de enfrentar é o entupimento dos corixos pelo grande número de plantas hidrófilas. Em tais casos, o barco maior é ancorado e a navegação é feita por botes menores. Algumas áreas do Pantanal, navegáveis nas épocas das cheias, durante o período da seca ficam intransitáveis.

Figura 03: Barco da expedição ancorado na região de Lagoa Gaíva.



Mesmo diante das dificuldades para se atingir alguns dos sítios, como o de Baía Vermelha, onde em alguns pontos tínhamos pouco mais de 30 cm de água ocasionando constantes encalhamentos, todos os esforços foram recompensados com a possibilidade de se contemplar os sítios de arte rupestre em sua totalidade. Isso porque na época das cheias muitas das gravuras ficam submersas.

O trabalho nos sítios se deu mediante procedimentos padrão, com leituras de GPS, tomadas fotográficas com e sem escala sempre que possível e anotações de dados em fichas de registro. Não foram feitas cópias de contato *in loco* em razão do pouco tempo disponível em cada sítio e porque em muitos casos as gravuras davam diretamente na água, o que dificultaria o processo sobremaneira.

Figura 04: Registro das figuras do sítio Fazenda Rumo Oeste em Lagoa Gaíva.



Adotamos o uso de recursos digitais em laboratório para realizar as cópias em tamanho natural. Com a melhoria dos recursos digitais, as fotos feitas em máquina profissional – tipo reflex – de 14 e 18 megapixels foram projetadas por meio de aparelho multimídia e copiadas em papel. A imagem projetada sobre uma folha de papel tem a escala da foto alinhada com uma escala física. Quando a foto está plenamente ajustada, inicia-se o processo de cópia com canetas do tipo marcador permanente. O resultado é plenamente satisfatório e economiza muitas horas de campo. Iniciamos agora também o uso de cópias sobre uma mesa digital, mas o processo ainda é novo e não foi possível medir se os resultados são melhores do que no método anterior.

Com as fotos digitais e as imagens desenhadas e posteriormente vetorizadas, se tem um excelente acervo iconográfico. A montagem de um acervo desta natureza servirá de suporte tanto para a etapa de análise de dados quanto para publicações.

Figuras 05 e 06: Etapas de reprodução dos grafismos em laboratório.



Descrição dos sítios

Os sítios do Alto Pantanal de Mato Grosso do Sul foram mencionados por José Luiz dos Santos Peixoto e Pedro Ignácio Schmitz (2011) em artigo que trata da arte rupestre do Caracará, no entanto, os pesquisadores centraram suas atenções naquele sítio do Pantanal de Mato Grosso. No mesmo artigo, os autores acrescentam que os sítios da região de Lagoa Gaíva foram descritos por primeira vez pelo etnólogo alemão Max Schmidt em sua expedição aos índios Guató no ano de 1901. Ao contrário do que ocorreu com os petróglifos dos lajedos de Corumbá, abordados na dissertação de Girelli (1994), os sítios do Alto Pantanal de Mato Grosso do Sul não foram até o momento objeto de descrição sistemática e análise.

No presente artigo, serão abordados três sítios do Alto Pantanal de Mato Grosso do Sul: um situado na região de Baía Vermelha e outros dois em Lagoa Gaíva. Estes sítios, que já eram conhecidos por Peixoto (2012), foram revisitados e documentados pela equipe de arqueologia da Universidade Federal da Grande Dourados em Dezembro de 2013. A visita, feita no período em que as águas estavam no nível mínimo, permitiu ter uma visão integral dos sítios, o que não seria possível na época das cheias, quando boa parte dos grafismos está submersa.

O primeiro deles, situado em **Baía Vermelha**, é formado por gravuras executadas principalmente sobre blocos soltos dispostos ao longo de uma enseada ao pé de um serro, numa faixa de ocorrência de 600 metros. Predominam sobremaneira as figuras geométricas circulares, sendo que algumas delas lembram representações astronômicas. Ao analisar de perto os sulcos dos petróglifos percebe-se que em muitos casos foi utilizado primeiro o picoteamento de forma a esboçar a figura para posteriormente dar o acabamento final em polimento. A maior parte das figuras está muito desgastada, provavelmente pela ação das águas que as cobre durante o período das cheias.

Figuras 07 a 09: Petróglicos do sitio de Baía Vermelha.



O segundo sítio catalogado está situado na Lagoa Gaíva, na **Fazenda Acurizal**, hoje de propriedade da Fundação Ecotrópica. Trata-se de um painel principal, com gravuras rupestres dispostas na superfície de um paredão vertical, somado a outros motivos em blocos menores adjacentes ao painel dominante, cobrindo 25 metros de margem. O estilo se repete: figuras geométricas circulares associadas a linhas curvas. Novamente aparecem as representações astronômicas. Os grafismos foram executados por meio de polimento, apesar de que em alguns casos fica nítido o emprego prévio de picoteamento, padrão na técnica de execução que se repete nos três sítios. No painel maior notam-se marcados os níveis de progressão das águas do rio, sendo que no período de cheia máxima o painel fica quase que totalmente encoberto.

Figura 10: Representações astronômicas do sítio Fazenda Acurizal, em Lagoa Gaíba.



Figura 11: Gravuras do sítio Fazenda Acurizal, Lagoa Gaíba.



O terceiro sítio, igualmente em Lagoa Gaíba, está situado na **Fazenda Rumo Oeste**, também de propriedade da Fundação Ecotrópica. Dos três, é o que possui a maior quantidade e diversidade de gravuras, dispostas ao longo de um quilômetro de margem. Repetem-se os

tradicionais motivos geométricos circulares, contudo agora com presença, ainda que de maneira escassa, de representações zoomorfas. Figuras solares aparecem em toda a extensão do sítio, mostrando-se o motivo dominante. Assim como nos outros dois sítios, as marcas do nível do rio estão presentes em vários painéis. Ao avaliar as marcas dos níveis de subida do rio é possível notar que alguns grafismos, elaborados em pequenas lajes ou nas pedras menores banhadas pelo rio, ficam expostos durante poucos meses do ano. No restante do tempo estas gravuras permanecem completamente encobertas.

Figuras 12 e 13: Exemplares de gravuras que em boa parte do ano permanecem submersos.



Figura 14: Petroglifo da Fazenda Rumo Oeste em Lagoa Gaíva, onde se nota a representação de um evento astronômico relacionado ao sol.



Figura 15: As representações solares compõem o tema dominante no sítio de Fazenda Rumo Oeste em Lagoa Gaíva.

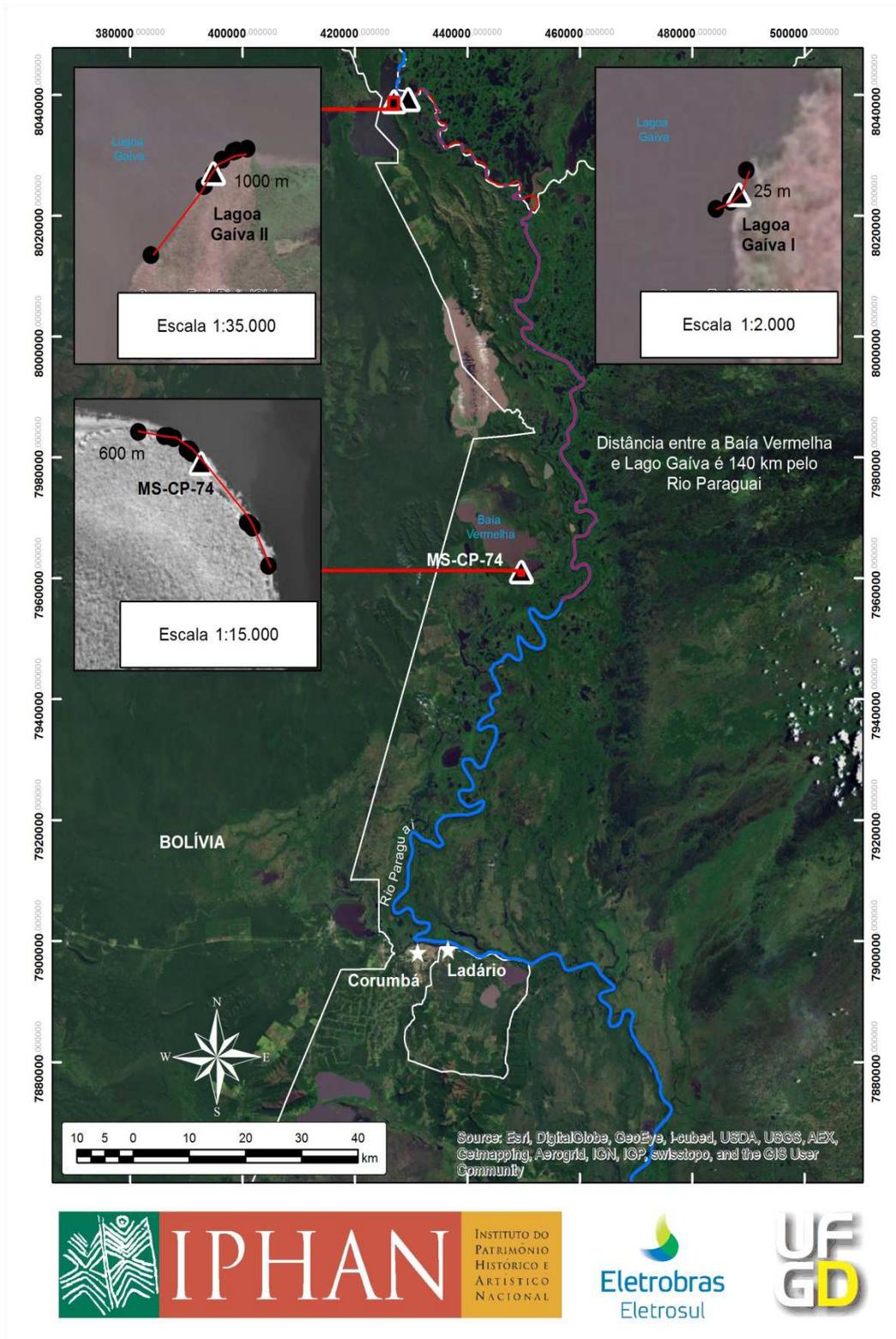


Apesar da distância entre o sítio de Baía Vermelha e os de Lagoa Gaíva - 140 km - é notável a semelhança estilística e na técnica de execução. A diferença está nas figuras zoomorfas que aparecem, ainda que escassamente, no segundo sítio de Lagoa Gaíva.

Figura 16: Representação zoomorfa no sítio Fazenda Rumo Oeste, em Lagoa Gaíva.



Figura 17: Mapa com a localização dos sítios de Lagoa Gaíva e Baía Vermelha.



Discussões e possibilidades de interpretação

Loredana Ribeiro (2008) assevera que os suportes rochosos, os abrigos inteiros e até mesmo o meio circundante integram os *media* pelos quais a arte rupestre ganha sentido. E assim sendo, se existe um movimento dentro da arqueologia que preconiza que os sítios de arte rupestre devam ser analisados em sintonia com o ambiente, nos sítios de Lagoa Gaíva e Baía Vermelha esta relação com o entorno é notável. Há um verdadeiro sistema de interação entre os gravados e o fluxo das águas do Pantanal.

As figuras, composta de círculos, representações estelares e, em número muito reduzido, zoomorfas, estão gravadas em paredes e blocos menores à beira do rio que podem, como visto, estar imersos na maior parte do ano. A iconografia retratada tem seu conteúdo simbólico atrelado à paisagem, que funciona como pano de fundo para as gravuras. Uma primeira função das figuras, mais aparente, é a de medir o nível das águas, orientando as estratégias grupais diante das variações ecossistêmicas no território pantaneiro. Isso porque entre o período de seca e o de cheia há uma enorme transformação paisagística na planície, ditando diferentes ritmos à vida selvagem. Quando as águas estão no nível mais baixo, jacarés (*Caiman yacare*) e tuiuiús (*Jabiru mycteria*) aparecem abundantemente concentrados em baías e canais, usufruindo peixes em fartura que nesta época do ano estão retesados. Quando as chuvas têm início e as águas gradativamente sobem e inundam a planície pantaneira, os peixes se dispersam pelas áreas alagadas ao passo em que aves, répteis e mamíferos por vezes ficam ilhados nas superfícies expostas e limitados às grandes morrarias. Em razão da transformação fisionômica das planícies alagadiças, pode haver demandado das populações pretéritas a mobilidade entre aldeamentos de inverno e de verão. A razão é muito simples: se os aldeamentos fossem fixos, erguidos nas áreas mais altas a fim de evitar as cheias, durante as secas seria necessário caminhar longos trechos para se ter acesso aos cursos navegáveis, bem como portar nestas caminhadas aparatos de pesca e coleta. Mais eficaz seria, em se tratando de povos canoeiros, adaptar-se a tais condições através do uso de aldeamentos distintos ocupados em sintonia com as variáveis de sazonalidade.

Sabe-se que, no Pantanal, a subida do nível das águas e o conseqüente alagamento são gradativos e regidos pelo ciclo das chuvas. O progressivo avanço das águas deixou marcas nas rochas às margens dos rios e lagoas, muitas destas com figuras gravadas. A partir destas marcas nota-se que os painéis rupestres também acompanham tal dinâmica, estando primeiro

parcialmente encobertos até que, em muitos casos, fiquem absolutamente submersos. Ou seja, o nível de exposição das figuras é progressivamente diminuído, num sistema de representação onde partes dos motivos são de tempos em tempos excluídas, acarretando nova configuração aos painéis e à codificação. As marcas deixadas nas rochas pela subida do nível das águas permite recriar os graus de exposição das figuras. Atentando ao fato de que ao longo de décadas há picos, tanto nas cheias quanto nas secas, que podem ocorrer de tempos em tempos, percebe-se que a total imersão ou absoluta exposição de um painel também é instrumental para mensurar tais fenômenos climáticos.

Figura 18: Painel com arte rupestre onde se notam as marcas dos níveis das águas.



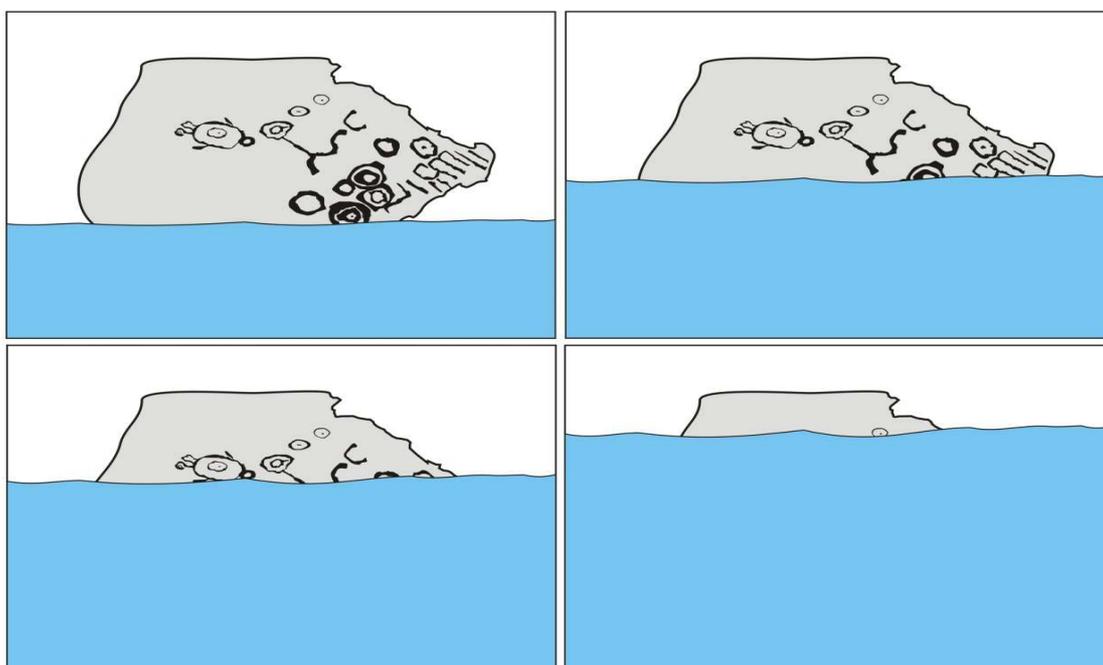
Contudo, notável é também a forma como a paisagem participa do sistema de representação. Como exemplo toma-se um painel onde a representação de um quelônio aparece rodeada de figuras circulares. As marcas de nível da rocha informam que o painel passa de totalmente exposto a parcialmente imerso. Num primeiro momento apenas os círculos da parte inferior ficam recobertos pelas águas. Posteriormente, as águas se aproximam da figura zoomorfa até que esta fique parcial e por fim totalmente submersa. O resultado é o de um efeito onde a figura parece nadar sobre as águas, como se as próprias

gravuras fossem flutuantes. Quando o animal fica completamente encoberto é quando se registra o fim de um ciclo.

Figura 19: Quelônio rodeado de figuras circulares. As marcas de nível do rio indicam diferentes estágios de exposição da figura ao longo do ano. Sítio Fazenda Rumo Oeste, Lagoa Gaíva.



Figura 20: Ilustração gráfica do painel da Figura 19, reconstituindo os diferentes momentos de exposição das figuras conforme o aumento do nível das águas.



Sabemos que marcar por meio de calendário as transições de ciclos anuais é imperativo para as sociedades humanas, pois é norteado por estas transições que o influxo da vida social ocorre. Assim como os alinhamentos de pedra que aparecem no Brasil Central têm por função marcar o movimento do sol, os petróglifos do Alto Pantanal de Mato Grosso do Sul foram concebidos de forma a sinalizar o movimento das águas, integrando-as à iconografia representada.

As pesquisas relacionadas à expedição aqui descrita terão continuidade ao longo do ano de 2014, quando a equipe fará o registro do sítio de arte rupestre do Morro do Campo, também mencionado por Peixoto (2012) ao citar os relatórios de Max Schmidt.

Todas as imagens aqui utilizadas fazem parte do acervo de pesquisas e análises que compreendem os membros de autoria deste artigo.

Referências Bibliográficas

- GIRELLI, M. (1994). *Lajedos com gravuras na região de Corumbá, MS*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Unisinos.
- PEIXOTO, J. L. S. (2012). Os registros rupestres da Chiquitania/Bolívia e do Pantanal/Brasil. In: Wilson Ferreira de Melo; *Caminhos do Campus do Pantanal*. Campo Grande: Editora da UFMS, pp. 33-49.
- PEIXOTO, J. L. S. & SCHMITZ, P. I. (2011). A arte rupestre do Caracará, Pantanal, Brasil. *Revista Clio de Arqueologia*, Vol. 26, N. 2, pp. 237-263.
- ROGGE, J. H. (2000). A ocupação antiga no Pantanal do Mato Grosso do Sul. *Revista Clio de Arqueologia*, Vol. 14, pp. 343-352.
- ROSA, A. O. (2000). Zooarqueologia de alguns sítios do Pantanal Sul-matogrossense. *Revista Clio de Arqueologia*, Vol. 14, pp. 327-342.
- RIBEIRO, L. (2008). Contexto arqueológico, técnicas corporais e comunicação: dialogando com a arte rupestre do Brasil Central (Alto-Médio São Francisco). *Revista de Arqueologia*, Vol. 21, N. 2, pp. 51-72.
- SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H.; BEBER, M. V. & ROSA, A. O. (2001). Arqueologia do Pantanal de Mato Grosso do Sul – Projeto Corumbá. *Revista Tellus*, Vol. 1, N. 1, pp. 11-26.
- SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H.; ROSA, A. O.; BEBER, M. V. & FREITAS, E. A. V. (2009). Aterros da Tradição Pantanal nas fazendas Sagrado Coração de Jesus e Bodoquena, Corumbá, MS. *Pesquisas, Antropologia* N. 67. São Leopoldo: IAP, pp. 321-374.

ARTIGO RECEBIDO EM: 26/08/2014
ARTIGO APROVADO EM: 25/09/2014